

PATRIMÓNIO

Jerónimos deixa ver obras

A maior intervenção de sempre no claustro do Mosteiro teve ontem início. Com um atractivo adicional para o público: a possibilidade de acompanhar os trabalhos, sem limitações de visita

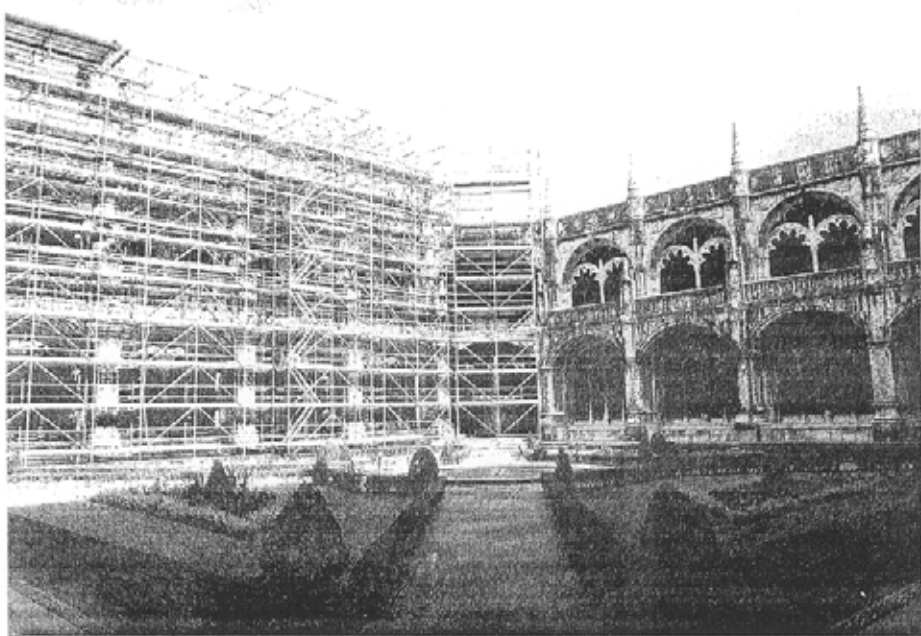
MARIA JOÃO PINTO

O claustro do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, está, desde ontem, a ser objecto de obras de conservação. Trabalhos que se prolongarão por dois anos, com um atractivo adicional para o público: a possibilidade de acompanhar, em parte, a intervenção, dado que o mais visitado monumento português não alterará as suas condições normais de funcionamento.

Essa possibilidade de contacto do público com um ambiente de obra imprimiu uma nova dimensão ao projecto, promovido pelo Ministério da Cultura, através do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), e pelo World Monuments Fund/Portugal (WMF/P): a de atender a questões de segurança num sentido mais lato, razão pela qual a equipa, já de si multidisciplinar, conta, também, com um consultor para esta área específica.

A semelhança do que aconteceu na mais recente intervenção nos Jerónimos (visando o restauro do retábulo da capela-mor) e na Torre de Belém (limpeza e conservação da pedra, no primeiro projecto do WMF/P, concluído em 1998), também aqui se privilegiou essa «convergência de várias áreas do saber», como referiu, na apresentação do projecto, Luís Ferreira Calado, presidente do IPPAR. Por outro lado, frisou, «positiva» voltou a ser a adesão dos mecenas: com uma estimativa orçamental da ordem dos 476 500 contos, o projecto de conservação do claustro dos Jerónimos será suportado em um terço pelo Estado, sendo o restante assegurado por verbas de mecenato angariadas pelo WMF/P.

Após um ano de trabalhos preliminares, de levantamento e estudo de patologias, foi dada prioridade ao alçado norte do claustro, o mais exposto a factores de deterioração, devendo esta frente de trabalho ficar concluída no terceiro trimestre deste ano. Seguidamente, a equipa ocupar-se-á dos alçados nascente, sul e poente, prevendo-se que, no global, a intervenção esteja finalizada no primeiro trimestre de 2002.



CONSERVAÇÃO. No global, a equipa terá à sua frente cerca de 21 800 metros quadrados de superfície a tratar

À sua frente estão, agora, 21 800 metros quadrados de superfície a tratar, grande parte dela profusamente trabalhada. Obras que, no essencial, visarão «a reposição de condições de estabilidade» de todos os elementos que dela necessitem, «a eliminação de

A intervenção, faseada, deverá ficar concluída no primeiro trimestre de 2002. Prioridade foi dada ao alçado norte

agentes causadores de degradação dos materiais», «a obtenção de melhores condições de resistência» e a limpeza dessas mesmas superfícies, como referiram Vasco Moreira Rato, arquitecto e coordenador do projecto, e Elena Charola, consultora científica.

Terceiro projecto do WMF/P (após a Torre de Belém e a recuperação do órgão da Igreja do Espiri-

to Santo, em Évora), a presente intervenção assume-se, no histórico da associação, como «a mais ambiciosa e a que mais responsabilidade acarreta», sublinhou, por seu turno, o seu presidente, Paulo Lowndes Marques. Projecto que acaba por ter, também, «um cunho simbólico, no limiar dos 500 anos da construção deste monumento», integrado, desde 1984, na lista do património mundial da UNESCO.

Intervenção que, pela sua dimensão, é, igualmente, a maior de sempre no claustro dos Jerónimos: para lá de acções pontuais, a última campanha de obras ocorrerá nos anos 40, por ocasião da Exposição do Mundo Português. Foi, de resto, neste claustro, como lembrou Lowndes Marques, «que D. Sebastião se hospedou pouco antes de partir» para a sua derradeira viagem. E foi também neste claustro que D. Filipe II esteve hospedado, «daqui tendo escrito algumas cartas às suas filhas».

O seu efeito cénico, como ontem foi recordado, tem sido aproveitado ao longo do tempo, designadamente para eventos oficiais, como a XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura e a cerimónia de assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia.

Projecto de Diogo de Boitaca, no início do século XVI, a que João de Castilho deu continuidade a partir de 1517, o claustro dos Jerónimos foi concluído entre 1540 e 1541, por Diogo de Torriva. O seu futuro está, agora, nas mãos de uma vasta equipa, constituída, entre outros, por John Stubbs (director de projecto), Elena Charola, Aires de Barros, Delgado Rodrigues e Fernando Henriques (consultores científicos), Maria João Baptista Neto e Lina Maria de Oliveira Marques (investigação histórica). Os trabalhos de conservação estão a cargo do Pró-Consórcio Nova Conservação/Trivella, SpA.